

REVELAÇÃO E GEOGRAFIA NO QUARTO EVANGELHO

Ramiro Mincato

1. Introdução

O Quarto Evangelho foi denominado já por Clemente de Alexandria (cf. Eusébio, *História Eclesiástica* VII, 14,7) de evangelho espiritual (*pneumatikós*). Ele é diferente dos outros três sinóticos. É mais teológico, mais profundo, e também mais difícil. O termo *pneumatikós* não deve ser entendido no sentido de “despotenciado”, “abstrato” ou “distante do real”; na verdade ele significa “animado pelo Espírito Santo”. O Evangelho de João quer conduzir a um olhar profundo sobre o mistério de Cristo. Seu objetivo é de proclamar e provocar a fé em Jesus. Decidir-se por Jesus é romper com o judaísmo em que a decisão é pela lei. Desde o Prólogo lê-se: “Veio para os seus, mas os seus não o receberam” (Jo 1,11). Trata-se de uma narrativa mais cristológica do que biográfica: um evangelho para o cristão maduro, para a contemplação. Essa profundidade teológica do Evangelho não afasta a narrativa da concretude histórica da comunidade joanina. Não obstante ser denominado “espiritual” é um evangelho profundamente inserido na história do seu tempo. É o que vamos confirmar com a geografia e a arte narrativa do mesmo.

O Evangelho joanino, ao mesmo tempo em que é profundamente judaico, vai manifestar a ruptura com o judaísmo da sinagoga (cf. Jo 9,22). Encarnado na história do seu tempo e do seu ambiente registra polêmicas, tensões e rupturas da comunidade com os judeus, apresentando uma mensagem bastante reversiva¹.

O *humus* doutrinal do Quarto Evangelho parece distante da história. Acontece que o evangelista entreteceu dois momentos históricos diferentes: o momento da vida histórica de Jesus e o momento da vida da comunidade joanina no final do I século². Por meio da estrutura narrativa e da linguagem simbólica o Evangelho é talvez o mais incisivo histórica e politicamente. Comunica aos leitores de todas as gerações a fé em Jesus Cristo, e este na carne (cf. Jo 1,14).

É pela *narrativa* que viemos a conhecer Jesus³. Para falar do *Senhor exaltado* narra o *Jesus terreno*. O Jesus terreno é um momento inextrincável da cristologia: Jesus de Nazaré é o *logos*, é o *encarnado* e é o *exaltado*.

1. BIANCHI, Enzo. Cf. *Evangelo secondo Giovanni*. Bose: Edizioni Qiqajon, 1996.

2. Cf. MARTIN, J.L. *History and Theology in the Fourth Gospel*. New York: Harper e Row, 1968.

3. Não obstante a fusão de horizontes históricos e a linguagem espiritual, a obra não é um tratado de teologia, mas um “evangelho”, isto é, uma obra *narrativa*.

A grandeza da “narração” depende mais da articulação das unidades do que da vivacidade do estilo ou da elegância das frases⁴. A sucessão dos episódios narrativos possui uma lógica reveladora de significado. O uso de um título cristológico como “Filho de Deus” ao longo do Evangelho permitirá descobrir os diferentes condicionamentos narrativos, e, assim, a intenção do evangelista.

Neste estudo queremos verificar a função teológica da geografia nos condicionamentos narrativos do título “Filho de Deus” (*‘o hyós tou Theou*). Pois o conteúdo doutrinal do Evangelho não é comunicado independentemente da narratividade⁵. Esta está a serviço da teologia. O que podemos conhecer da história só nos é acessível por meio da narração. Não temos acesso à história sem que essa seja narrada de alguma maneira.

2. Quarto Evangelho e geografia

As indicações geográficas no Quarto Evangelho indicam os *deslocamentos* e situam as ações, diálogos e discursos de Jesus num determinado espaço⁶. Outras indicações situam o lugar do ministério de João Batista⁷. Outras ainda localizam controvérsias dos judeus a respeito do lugar da “origem de Jesus”⁸, ou dos discípulos⁹. Alguns exegetas veem nessas indicações uma intenção estruturante para o Evangelho. J.H. BERNARD, por exemplo, divide o Evangelho segundo a mudança de lugar, o tempo das festas e os temas¹⁰.

A geografia do Quarto Evangelho difere dos sinóticos, assim como difere também no estilo e no conteúdo das palavras de Jesus. O Jesus joanino fala por meio de discursos simbólicos e não por parábolas, sua atenção não cai imediatamente sobre o Reino de Deus que chegou, mas, sobretudo, sobre sua relação com o Pai. Daí que é o Evangelho chamado da “filiação divina”. Difere dos sinóticos na cronologia, porque apresenta o ministério público de Jesus ao longo de um período de três anos, e situa a sua morte no dia da preparação antes da Páscoa. Geograficamente distribui o ministério de Jesus alternativamente ora na Galileia, ora na Judeia, concentrando, porém, sua atenção, sobre os confrontos de Jesus que ocorrem quase sempre na Judeia. Este esquema é bem diferente daquele dos Sinóticos que apresentam Jesus primeiro na Galileia, ao longo de quase todo o tempo do ministério público, e somente um brevíssimo

4. Cf. Umberto ECO, nas suas apostilas publicadas a propósito do romance *O Nome da Rosa*, apud ALETTI, J.-N. *L'Arte di Raccontare Gesù Cristo: La Scrittura Narrativa del Vangelo di Luca*. Brescia: Queriniana, 1991, p. 194, n. 17.

5. Cf. ABRAMS, M.H. *A Glossary of Literary Terms*. New York: Fort Worth, 1981, p. 127, apud CULPEPPER, R.A. *The Anatomy of the Fourth Gospel*. Philadelphia: Fortress, 1983, p. 80.

6. Caná da Galileia (2,1.11; 4,46); Galileia (1,43; 4,3.43.45.47.54; 7,1.9); Mar da Galileia/Tiberíades (6,1; 21,1); Cafarnaum (2,12; 6,59); Samaria (4,4); Sicar (4,5); Jerusalém (2,13.23; 4,45; 5,1.2; 10,22; 12,12); Judeia (4,3.47.54; 7,1.3; 11,7; cf. também 3,22); Betânia (11,17; 12,1); Efraim (11,54); Vale do Cedron (18,1); Gólgota (19,17).

7. Betânia, além do Jordão (1,28; cf. também 10,40) e Enom, perto de Salim (3,23). Sobre a geografia relacionada à Teologia do Batista no Quarto Evangelho veja o estudo de Simão VOIGT, “Topo-geografia e teologia del Battista nel IV Vangelo”. *Studi Biblici Francescani. Liber Annuus XXVII*, p. 69-101, 1977.

8. Betânia (7,42) e Galileia (7,52).

9. Filipe, André e Pedro é dado como Betsaida (1,43) e de Natanael como Caná da Galileia (21,2).

10. J.H. BERNARD, *Gospel According to St. John. A Critical and Exegetical Commentary*, I. Edinburgh, 1928, p. xxx e xxxiii.

período em Jerusalém antes da sua prisão e morte na Páscoa. Pouco espaço é dado para atuação na Galileia (Jo 2,1-11; 4,43-54; 6). Jesus deixa definitivamente a Galileia e parte para Jerusalém por ocasião da Festa dos Tabernáculos, seis meses antes da sua morte, que ocorre justamente em Jerusalém, na vigília da Festa da Páscoa (cf. Jo 18,28). Tudo isso se torna ainda mais significativo se levarmos em conta que na geografia dos Sinóticos o ministério público de Jesus desenvolve-se predominantemente na Galileia e não tem nenhuma atuação na Samaria. As três subidas de Jesus a Jerusalém (Jo 2,13; 6,4; 12,1), e mais uma série de indicações geográficas e topográficas próprias do Quarto Evangelho – Betânia além do Jordão, Caná, Efraim, Sicar, Garizim, Porta das Ovelhas, Betesda, Pórtico de Salomão – por serem próprias do quarto evangelista, possuem uma intenção reveladora.

O quadro geográfico, portanto, tem uma razão teológica, pois o evangelista pretende, por meio da narrativa geograficamente organizada, ajudar seus leitores a conhecerem Jesus a quem aderem pela fé (cf. Jo 20,30-31).

3. Geografia e Encarnação: revelação localizada

Toda concentração teológica do Quarto Evangelho, toda espiritualidade e cristologia, ocorrem na situação caduca da carne humana frágil e confinada no tempo e no espaço da pessoa de Jesus que viveu e morreu na Palestina do século I. A grandeza de Deus, sua majestade e poder, revelaram-se por meio de Jesus na carne.

No versículo central do Prólogo do Evangelho joanino – *E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós* (Jo 1,14a) encontramos o núcleo teológico de todo o Evangelho. É a condição fundamental para que possa ocorrer a “revelação” de Deus: *Ninguém jamais viu a Deus: o Filho Unigênito, que está voltado para o seio do Pai, este o deu a conhecer* (Jo 1,18). E é exatamente neste sentido que Jesus mais tarde dirá a Filipe: *Há tanto tempo estou convosco e tu não me conhecestes, Filipe? Quem me viu, viu o Pai* (Jo 14,9). Jesus é *o caminho, a verdade e a vida* (cf. Jo 14,6).

Deus, em Jesus Cristo, revela-se com a face de um homem mortal, ligado a uma época histórica, a um povo e a uma terra. Ele viveu a existência penosa da humanidade. Nele as Escrituras são “carne”, isto é, palavras humanas para serem compreendidas e estudadas. Sem a *encarnação* não haveria acesso à salvação. Foi necessário que o divino aparecesse na história. Nos acontecimentos históricos, datáveis e localizáveis, encontra-se a revelação divina. O Verbo, a Voz de Deus, a Palavra de Deus, Jesus Cristo, penetra na história, caminha com a humanidade nas estradas deste mundo, para oferecer sua graça e salvação.

4. A geografia e o título “Filho de Deus”

A pergunta fundamental é que tipo de relação existe entre teologia e geografia. Como o evangelista utilizou o título “Filho de Deus” na estrutura narrativa do Evangelho?

O caminho percorrido por Jesus da Galileia a Jerusalém é apresentado por cada um dos Evangelhos Sinóticos. No Quarto Evangelho, porém, esse itinerário é enrique-

cido com motivos teológicos¹¹. Jerusalém, enquanto centro do judaísmo, é a cidade santa de Deus que abriga o Templo (cf. Jo 2,13-22)¹², mas rejeita Jesus. A antecipação da cena da “Purificação do Templo” para o início do Evangelho reforça o contraste entre Jesus e os judeus, deixando ainda mais claro o conflito histórico entre as comunidades joaninas e o judaísmo¹³. Os “judeus” são representantes dos incrédulos em contraposição com os discípulos que creem (cf. Jo 2,11.17.22).

São oito as perícopes que trazem o título “Filho de Deus” no Quarto Evangelho. Do ponto de vista geográfico elas situam-se basicamente *em* Jerusalém e *fora de* Jerusalém (Betânia na Transjordânia e Betânia na Judeia). As duas *Betânias* são o lugar da revelação inicial de Jesus, a primeira em relação ao testemunho de João Batista, que domina a primeira parte do Evangelho (1–12), e a segunda Betânia está no início da segunda parte do Evangelho (11–21) onde comparece em primeiro plano a outra testemunha, “o discípulo que Jesus amava”¹⁴.

a. A revelação em Betânia, além do Jordão

As duas primeiras ocorrências do título “Filho de Deus” (1,34 e 1,49) estão ambientadas geograficamente em Betânia, conforme a indicação de 1,28: “Isto aconteceu em Betânia, do outro lado do Jordão, onde João batizava”. É comum uma perícopa ou seção do Evangelho encerrar-se com uma indicação geográfica (cf. 6,59; 8,20; 11,54). O v. 29 inicia a perícopa com uma indicação de tempo *te ’epáurion* (o dia seguinte), mas não de lugar. Consequentemente a narrativa continua no mesmo lugar com o testemunho de João Batista, em Betânia, além do Jordão. O testemunho de João Batista no primeiro dia é feito em Betânia diante das autoridades enviadas de outro lugar geográfico, de Jerusalém, e no dia seguinte ele identifica o Messias (1,29).

A perícopa do encontro com Natanael (1,43-51) também se localiza em Betânia. A cena ocorre no quarto dia a partir do testemunho de João Batista. Neste dia Jesus *’èthelèsen*¹⁵ (*quis*) sair para a Galileia (v. 43), e com isso o narrador nos informa que Betânia¹⁶, onde Jesus se encontrava, ficava fora da Galileia. Natanael também professa sua fé em Jesus: “Rabi, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel”. Os primeiros tes-

11. Cf. R. SCHNACKENBURG, *La Persona di Gesù Cristo nei Quattro Vangeli* (Supplementi al Commentario Teologico del Nuovo Testamento 4), Brescia, 1995, p. 325.

12. Jerusalém é o lugar das controvérsias e rejeição de Jesus: *Subiu para Jerusalém e entrou no Templo* (2,14); *Jesus subiu para Jerusalém* (5,1) e *se encontra no Templo* (5,14); *Também Jesus subiu para Jerusalém* (7,10), e *subiu ao Templo e ensinava* (7,14), e *estava ensinando no Templo* (7,28); *no ultimo dia da Festa Jesus se apresentou no Templo* (7,37); *estas palavras pronunciou no Tesouro, ensinando no Templo* (8,20); *escondeu-se e saiu do Templo* (8,59); *E caminhava no Templo sob o pórtico de Salomão* (10,23). Todas estas passagens são de controvérsia.

13. Cf. R. KIEFFER, ‘L’espace et le temps dans l’Evangile de Jean’ in *NTS* 31 (1985), p. 393-409. Especialmente, p. 398-405.

14. Cf. G. SEGALLA, ‘In Betania... aldilà del Giordano (Gv 1,28)’ in *Studia Patavina* 49 (2002) 205.

15. Não é especificado o sujeito do verbo *thélô*, “querer”, mas como o protagonista da primeira cena é Jesus, o sujeito aqui não pode ser que Jesus. O mesmo fenômeno ocorreu em 1,29 onde o sujeito do verbo principal não é explícito, mas é evidente que se trata de João Batista, de quem o evangelista diz no versículo precedente que “batizava”. Cf. S.A. PANIMOLLE, *Lettura Pastorale del Vangelo di Giovanni I*, Bologna, 1978, p. 176.

16. A indicação geográfica não só é um critério semântico de estruturação, mas também literário. A referência a Betânia aqui e no final do capítulo 10, lugar onde João Batista batizava, auxiliam na demarcação das partes e seções do Livro, pois estabelecem uma “inclusão”.

temunhos de João Batista e a confissão de fé dos primeiros discípulos ocorrem em Betânia, além do Jordão. Portanto, Betânia é lugar de fé dos discípulos.

b. A revelação em Jerusalém

Outras duas ocorrências do título “Filho de Deus” ocorrem em Jerusalém (5,25 e 10,36). As duas ocorrências estão ambientadas nas festas dos judeus, nas controvérsias cada vez mais acirradas entre Jesus e os judeus. Jerusalém e o Templo são os lugares dos conflitos no Quarto Evangelho, embora não se possa definir Jerusalém como o lugar geográfico exclusivo das controvérsias. Jerusalém representa um terreno bastante infrutífero para a fé (Jo 5,7. 9.10). Há, porém, a “Crise Galilaica”, depois da multiplicação dos pães e o discurso na Sinagoga de Cafarnaum (6,66-71). A incompreensão dos discípulos é uma atitude de carência e pode ocorrer em qualquer lugar, inclusive com os amigos, mas a oposição e rejeição ativa são próprias dos “judeus” no Quarto Evangelho¹⁷. Ambas ocorrências começam em Jerusalém e terminam fora da cidade, pois Jesus retira-se (cf. 6,1 e 10,40).

c. Revelação em Betânia, na Judeia

Outras duas ocorrências do título encontram-se em Jo 11,5 e Jo 11,27, ambas no ambiente da ressurreição de Lázaro de Betânia, irmão de Marta e Maria. Nestas perícopes encontramos a revelação das coisas maiores, conforme foi anunciado em Betânia, além do Jordão, em Jo 1,50. Revelam o poder de Jesus de dar a vida aos que creem no Filho do Homem que subiu e desceu do céu (cf. 3,13-15) e revelam a chegada da “hora” em que os mortos entenderão a voz do Filho de Deus (cf. Jo 5,25). É o *signal* antecipatório da Ressurreição de Jesus, confessado por Marta como “Cristo” e “Filho de Deus” (11,27). Mesmo estando em território da Judeia, não encontramos indicação de alguma festa dos judeus, características do ambiente hostil das controvérsias. Ao contrário, neste lugar há a *aceitação* de Jesus.

A seção de Lázaro (Jo 11) apresenta o seguinte movimento: passa-se de uma situação positiva, quando Jesus vai para Além do Jordão, indicada no final do cap. 10 (*muitos creram em Jesus*), para uma situação de perigo e ameaça quando Jesus volta para a Judeia (11,7-8), e termina de maneira positiva, com o tema da ressurreição e vida, pois Jesus ressuscita Lázaro e mais uma vez muitos creem (11,45). É um microcosmo do plano estrutural do Evangelho. Os deslocamentos que tecem a trama da perícope reproduzem a trama do Evangelho como um todo¹⁸.

17. Sobre a incompreensão no Quarto Evangelho cf. R. SCHNACKENBURG, *La Persona di Gesù Cristo nei quattro Vangeli* (Supplementi al Commentario Teologico del Nuovo Testamento 4), Brescia, 1995, p. 328-331.

18. O Evangelho como um todo tem a forma de um “U”. O drama começa com uma comédia romântica (2–4) prossegue com uma fase satírica (5–10) e atinge a fase trágica (discurso de Despedida e Morte de Jesus 13–19) antes de terminar com a fase cômica e romântica com a qual tinha iniciado (a Ressurreição 20–21). Cf. N. FRYE, *Anatomy of Criticism*. Princeton: University Press, 1971, para quem a forma em “U” do Evangelho, começo feliz e final feliz, representa o *mythos* da primavera. Esta análise do plano ou trama caracterizado como um *romance* ajuda na compreensão do Quarto Evangelho, cf. J. ASHTON, *Studying John: Approaches to the Fourth Gospel*. Oxford: Clarendon, 1994, p. 166-173 e R.A. CULPEPPER, *Anatomy...* op. cit., p. 82-84.

d. Revelação em Jerusalém: Paixão, Morte e Ressurreição.

A sétima ocorrência do título se dá no processo de Jesus diante de Pilatos (19,7). Jesus entrou triunfalmente em Jerusalém depois da unção em Betânia (12,1-8) para a Festa da Páscoa (12,12-16). É sua última entrada em Jerusalém onde se desdobra o drama da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus. A cena do processo diante de Pilatos começa exatamente com a indicação do lugar: “Levaram, então, Jesus de Caifás para o Pretório”¹⁹. “Era de manhã. Mas eles não entraram no Pretório, pois não queriam ficar impuros²⁰, para poderem comer a ceia pascal” (Jo 18,28).

Estamos no auge da rejeição no processo de condenação e morte de Jesus.

e. Revelação do Redator (sem indicação geográfica)

Na conclusão geral do Evangelho, em Jo 20,30-31 temos a oitava ocorrência do título “Filho de Deus”, sem indicação de lugar. É uma nota redacional que comunica explicitamente ao leitor o conteúdo e a finalidade da obra²¹, isto é, levar à confissão de fé de que Jesus é o Filho de Deus, que é o motivo da acusação de Jesus (cf. Jo 19,7), pois Jesus deve morrer porque, segundo a lei, ele se fez Filho de Deus (cf. Jo 10,31-39). A pretensão de Jesus de ter uma relação especial com Deus foi contestada pelos judeus ao longo de todo o Evangelho (cf. Jo 5,18; 8,59).

5. Conclusão

As oito ocorrências do título “Filho de Deus” no Quarto Evangelho nos permitem ver que se há um evangelho com um alcance de teologia política é exatamente este, porque concretamente engajado nos conflitos do seu tempo. A narrativa joanina é aquela de um profeta, narrador competente, não simples narrador, mas também ator envolvido numa história. A comunidade joanina está passando pela crise da rejeição e conflito com o judaísmo, que exige tomada de posição no *hic et nunc*.

Os conflitos da comunidade aparecem na própria estrutura narrativa. Os elementos positivos de fé e seguimento encontram-se em Betânia além do Jordão (Jo 1) e Betânia da Judeia (Jo 11) enquanto que os conflitos mais declarados e a rejeição estão situados em Jerusalém (Jo 5; 10), com sua culminância na condenação à morte (Jo 18–19).

O livro dos Sinais (Jo 1,18–12,50) começa em Betânia, além do Jordão (Jo 1,28) e termina com uma ação em Betânia próxima a Jerusalém e arredores (Jo 11,1.18; 12,1). Betânia é o lugar da realização do *signal* maior de Jesus que é o de restituir a vida a Lázaro, o que lembra o anúncio “das coisas maiores” (Jo 1,51), cujo objetivo era manifestar a glória do Filho de Deus (11,4). Os “céus abertos” sobre o Filho do Homem

19. Pretório era a residência oficial do governador romano.

20. Os lugares de habitação dos pagãos eram considerados impuros, cf. At 11,3; Mt 8,8. Os judeus, desejando evitar a impureza ritual, sobretudo no tempo da Páscoa, evitam entrar. É um claro exemplo da ironia joanina.

21. É um apelo intradieético do narrador situado depois do relato da ressurreição, cujas aparições se dão todas em Jerusalém (cap. 20). O apêndice do cap. 21 narra as aparições de Jesus na Galileia, no mar de Tiberíades, mas, como o próprio termo indica, é um acréscimo posterior.

(Jo 1,51) indicam o lugar inacessível de Deus, de onde tudo provém²². Estamos geográfica ou teologicamente distantes de Jerusalém, o centro do judaísmo.

O quadro abaixo mostra a lógica interna da fé em Jesus a partir do “lugar” geográfico:

Aceitação de Jesus	Rejeição de Jesus pelos judeus	Conclusão do narrador	
Fora de Jerusalém: Betânias		Jerusalém	Sem indicação geográfica
Jo 1,34	João Batista	Jo 5,25	Jo 30,31 Confirmação daquilo que os judeus rejeitaram ao longo de todo o Evangelho: Jesus é o Filho de Deus
Jo 1,49	Natanael	Jo 10,36	
Jo 11,4	Jesus	Jo 19,7	
Jo 11,27	Marta		

O Quarto Evangelho, portanto, encontra suas raízes, conteúdos e símbolos no mundo judaico, mundo ao qual se dirige em primeiro lugar. Jesus é mais que Moisés; é a própria Palavra de Deus em pessoa, que habita entre os homens para levá-los a Deus; faz-nos conhecer os mistérios de Deus; não só é Filho de Deus (em sentido não transcendente), mas o próprio Deus: “Eu sou”. Essa revelação conflita com o monoteísmo judaico. Daí o conflito com a Sinagoga no final do século I. Precisamente esse homem, Jesus de Nazaré – e nele está o escândalo – é “um” com o Pai, e como Filho age com pleno poder que recebeu do Pai. Os judeus rechaçam estas pretensões como blasfêmia contra Deus, porque Jesus chama Deus de seu Pai e se faz igual a ele. O “mundo” que persiste na incredulidade, que rechaça o amor de Deus e prefere as trevas à luz em seu representante típico nos [chefes dos] judeus: fecham-se à mensagem de Jesus porque creem possuir na “lei de Moisés” e cujo centro é Jerusalém.

O Quarto Evangelho é o Evangelho por excelência da alta cristologia e ao mesmo tempo da encarnação na história e geografia de um povo. A geografia comunica uma intenção teológica doutrinal.

Ramiro Mincato
Seminário São Luiz Gonzaga
Av. Senador Salgado Filho, 7100 – Bloco C
94400-000 Viamão, RS
ramiromincato@terra.com.br

22. Cf. . R. FABRIS, *Giovanni*, Roma 1992, p. 199-201.